

5 Conclusão

Afinal, o que foi construído?

(...) a identidade de uma pessoa é o que ela tem de mais valioso: a perda de identidade é sinônimo de alienação, sofrimento, angústia e morte. Ora, a identidade humana não é dada, de uma vez por todas, no nascimento: ela é construída na infância e, a partir de então, deve ser reconstruída no decorrer da vida. O indivíduo jamais a constrói sozinho: ele depende tanto dos juízos dos outros quanto de suas próprias orientações e autodefinições. A identidade é produto das sucessivas socializações

Claude Dubar, 2005.

O nosso interesse com a construção deste estudo foi investigar quais foram os caminhos percorridos e construídos pelos catadores para viabilizar sua construção identitária e seu processo de organização, e tomamos como base de análise o fato de que o território habitado por eles é permeado por situações de desigualdades, injustiças e de processos de exclusão social, que mais impossibilita do que viabiliza o acesso a bens e serviços postos à disposição dos trabalhadores.

Consideramos relevante apresentar algumas indagações que tenham relação direta com o que buscamos compreender:

Quem são os catadores do território de Jardim Gramacho? Simplesmente pessoas que foram expulsas do mercado formal de trabalho, mendigos, vagabundos ou aqueles que concorrem com abutres o refúgio humano?

Que iniciativas os catadores do território de Jardim Gramacho têm efetivado na direção da construção de sua identidade e assumidas para o processo de organização?

Que estratégias foram mobilizadas para um maior envolvimento dos catadores e fortalecimento de sua organização?

Os catadores poderão se reestruturar a partir do fortalecimento da categoria e buscar arregimentar várias forças que os ajudem a sair do processo perverso da informalidade para se situarem como profissionais do mundo do trabalho, capazes de competirem com qualquer outra categoria, para defesa e sobrevivência da classe?

Os catadores do território de jardim gramacho apresentam atitudes contraditórias em relação ao processo de trabalho que desenvolvem, ora reconhecendo seu valor, ora desqualificando-o, uma vez que têm pouca consciência sobre as etapas que configuram fora do espaço do vazamento de lixo.

As principais iniciativas assumidas pelos catadores envolvem a articulação com experiências já em andamento, a realização de encontros de discussão procura envolver todos os segmentos identificados no território de jardim gramacho, isto é, o catador cadastrado com mais de dez anos de experiência, e os novos catadores, aqueles que estão na atividade com cinco ou menos anos, mas não são cadastrados pelo Serviço Social.

O processo de organização dos catadores ainda envolve uma minoria de trabalhadores, em decorrência das experiências que têm acumulado em suas histórias de vida (ausência de experiências de caráter coletivo) e das características e estigmas que cercam o trabalho com o lixo.

Os catadores, em sua maioria, conseguiram construir uma identidade de trabalhador a partir do processo de organização do trabalho social no Aterro?

Se não conseguiram, quais foram os elementos impeditivos? A dificuldade de desconstruir a cultura estigmatizante que gira em torno do lixo ou até mesmo o processo de acomodação e medo do desconhecido.

A identidade e a organização dos catadores do território de Jardim Gramacho podem ser fortalecidas através de seu acesso às informações sobre o cenário do lixo e da reciclagem, bem como de seu envolvimento mais efetivo em ações que extrapolem o espaço da catação.

Como ponto de partida, consideramos significativo apontar como primeira resposta, quem são estes trabalhadores que pela própria natureza do trabalho que desenvolvem são estigmatizados e, portanto aos olhos da sociedade são identificados como mendigos e pobres coitados que dependem das sobras para sobreviverem.

O que encontramos no território de jardim gramacho foram pessoas, em grande parte, que têm como referência de trabalho a catação, através do que aqui conceituamos de cultura familiar, que não são vagabundas ou mendigas, mas sim, pessoas que não tiveram oportunidade de optar por outras atividades em função da perpetuação da tarefa, e o outro contingente identificado é oriundo da expulsão do mercado formal de trabalho, mas nem por isto disputam com abutres o refugio humano. O que eles realizam é a tarefa de separar plásticos, papel, alumínio entre outros produtos potencialmente recicláveis, e venderem para atravessadores levarem até as indústrias.

A atividade de catação deve ser entendida como uma ação que, mesmo realizada de forma perversa e insalubre, devido ocorrer em um Aterro Controlado, onde as pessoas permanecem mais de oito horas na área de vazamento de lixo inalando gases

produzidos pela combustão dos resíduos, sem local para abrigar-se de sol e chuva, convivendo entre detritos e urubus; e como uma contribuição ao meio ambiente, em função da separação deste material diminuir muito o impacto no solo e com isto ajudar o planeta a ter menos poluição.

Em relação ao processo de construção identitária e de organização, ficou evidente que somente um pequeno grupo de catadores tem claro qual é o seu papel enquanto trabalhadores e reconhecem a importância da organização, embora já tenham sido realizados dois encontros de catadores da Baixada Fluminense e Rio de Janeiro, que contaram com a participação de um grupo significativo de catadores, e as pautas privilegiavam a discussão em torno da importância da organização, mas ainda não foi o suficiente para consolidar a compreensão acerca dos fatos pelo contingente existente, o que nos leva afirmar que ainda se faz necessário um investimento maciço na promoção da capacitação dos catadores no que diz respeito à responsabilidade com o trabalho que desenvolvem e a importância deles no cenário sócio-ambiental.

Quanto às estratégias elaboradas, consideramos que o processo sofreu uma acomodação, por um lado, por parte das ações desenvolvidas pela empresa operadora do Aterro, visto que a situação social existente vem permitindo este estado de coisas, pois é possível identificar os catadores cadastrados tanto no Serviço Social, quanto nos Depósitos, em função de ser mantido através do Setor de Segurança o controle de entrada e saída dos mesmos, fator que oferece tranquilidade para os gestores. Quanto ao processo de capacitação, não vêm sendo implementadas novas ações que visem ao aprimoramento profissional deste contingente. Nas estratégias traçadas por parte da representação dos catadores identificamos poucas ações, restringindo a participação de somente algumas lideranças, tanto da ACAMJG quanto da COOPERGRAMACHO em eventos, tais como: Festival Lixo e Cidadania (Belo Horizonte), Conferência Nacional de Assistência Social, Encontros do Povo da Rua e dos Catadores com o Presidente, bem como Encontros de capacitação promovidos pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome em função do Decreto 5940/2006 – Coleta Seletiva Solidária e também no nível local através do Fórum Comunitário, mas sem maior representatividade para o universo existente.

Acreditamos que a organização dos catadores seja condição fundamental para alavancar o fortalecimento da categoria no território de jardim gramacho, mas acreditamos que isso se dê em duas etapas, pois em âmbito local será necessário promover a realização de encontros de capacitações e trabalhos corpo a corpo junto ao

contingente de trabalhadores da frente de serviço, com a finalidade de promover a tomada de consciência deles quanto à importância do seu trabalho no cenário sócio-ambiental.

No âmbito nacional, os catadores poderão arregimentar força junto aos poderes constituídos para que possam, juntamente com outros segmentos do País todo, propor o reconhecimento legal da profissão, que tramita no Congresso Nacional sem regulamentação até o momento, e com isto fazer com que a categoria encontre o devido lugar profissional, isto é, de destaque no mercado de reciclagem, para que possa ser invertida a condição de subalternidade imposta pelo mundo de trabalho, proposta pela informalidade que explora a mão-de-obra que dá início à cadeia produtiva, mas que a repudia e não a remunera dignamente.

O nosso posicionamento pode ser não somente ancorado, como também ampliado através da fala de representantes de organizações da sociedade civil que defendem a causa dos catadores, quando em entrevistas concedidas eles se posicionaram a respeito do processo de organização dos catadores do território de jardim gramacho.

Pólita Gonçalves, representante do Fórum Estadual Lixo e Cidadania do Rio de Janeiro (FELC/RJ), ao ser perguntada a respeito da importância da organização dos catadores no território de jardim gramacho enfocou que:

Desde 2005 venho acompanhando a ACAMJG no processo de mobilização dos catadores do aterro. A ACAMJG, apesar de pouco tempo como organização tem se articulado bem no território. No meu entendimento, a associação ainda tem vários desafios pela frente, quais sejam: se instituir como um espaço que permita o catador se reinventar como sujeito político ativo; com capacidade de agir como protagonista no momento de formular e defender seus interesses na mesa de negociação que vai discutir o encerramento das atividades no Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho. Se estruturar para poder realizar um trabalho de mobilização mais profundo com os catadores no aterro. Obter bons resultados no Gt4, o de trabalho e renda contribuindo para que o Plano de Ação de Desenvolvimento Comunitário de Jardim Gramacho criado no FCJG atinja seus objetivos. Se fazer representar no MNCR/RJ, fazendo valer os princípios do movimento nacional e contribuindo para uma articulação consistente entre os catadores a nível local, municipal, estadual e federal. Mostrar a sociedade que os catadores são capazes de firmar compromissos e dividir responsabilidades compartilhando com o poder público a gestão da coleta seletiva dos resíduos sólidos na cidade. Participar ativamente levando suas reivindicações aos lugares aonde são discutidas as demandas por políticas públicas: FELC/RJ, CONSEMAC, FCJG, FIRJAN, MDS, etc (Pólita Gonçalves entrevista em 28/03/2007).

Rita Brandão, assistente social, representando o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), também apresentou seu posicionamento a respeito do processo de organização, pois vem trabalhando no território de jardim gramacho desde

2005 com a finalidade da construção do Projeto de Desenvolvimento Local Sustentável, onde a questão dos catadores também é presente:

Acredito que estes vêm progressivamente conseguindo utilizar espaços dos mais diversos para estabelecer diálogo e interlocução com as diferentes instituições e atores do bairro. Percebo que forjam bem o nome de sua instituição, tornando-a conhecida. Acho ainda que o Fórum Comunitário de Jardim Gramacho é um importante veículo impulsionador disto no bairro. Quando chegamos a Jardim Gramacho os catadores se reuniam nos fundos de um bar, passaram por uma sede alugada e hoje estão com seu espaço próprio. Visivelmente há uma progressão em relação a sua organização, porém acredito que haja a necessidade de tornar claro o objetivo desta organização, ao que vieram, quais são suas bandeiras de luta e suas propostas. Vejo sua liderança ser conhecida pelas pessoas como “aquele representa os catadores” e não pode ser somente porque estes querem ter. No imaginário da maior parte dos participantes do Fórum Comunitário de Jardim Gramacho, que acompanho mais de perto, constam às informações que os fazem serem simpatizantes da “causa” – os anos de exploração do território e dos trabalhadores deste, pelos municípios que utilizam o aterro, com a centralidade do Rio de Janeiro/ COMLURB (de uma forma bem simplificada). É preciso que as pessoas possam ter ciência/ certeza que existe na organização dos catadores, algo mais, pra além da denúncia e manifestação, é preciso que as pessoas moradoras e atuantes de instituições locais conheçam as propostas, o que se pretende fazer, qual a solução pensada e pela qual se luta. Isso aparece em alguns momentos mais ainda dispersos. Sinto a necessidade de um maior diálogo com a população moradora e atuante no território e acredito que isso faz a diferença entre “**abrir espaço para o bloco passar**” e “**entrar no bloco**”, pois o primeiro acontece quando apenas consideramos bons, e o outro quando o reconhecemos como importante e queremos fazer parte (Rita Brandão entrevista em 10/06/2007). [Grifo nosso]

Outra posição a respeito do processo de organização dos catadores foi dada pelo

Diretor Executivo do Instituto Brasileiro de Inovações da Saúde Social (IBISS), Sr. Nanko Van Buuren:

Para garantir a oportunidade de trabalho, as ações do “Movimento Nacional de Catadores” são fundamentais. A ligação entre a Associação de Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho – *ACAMJG*, é forte através de algumas lideranças – A organização do Movimento Nacional com representações estaduais e municipais ainda é fraca. Mesmo com bastantes inscrições na Associação com representatividade de todos os catadores (pessoas que sobrevivem através de material reciclável) precisa ser reforçada a organização entre eles. Ainda precisa de muita atenção. Complementa enfocando que para ele a Criação do novo Pólo de Reciclagem com espaço para apenas trinta catadores é uma ameaça para a organização (Nanko Van entrevista em 16/05/2007).

Como pode ser observado, o processo de organização no território de jardim gramacho já foi deflagrado, no entanto, para eles, constituírem-se como uma categoria profissional necessitará de aprofundamento das ações e práticas no trato das questões sócio-ambientais e trabalhistas, pois ainda não possuem consciência em relação ao papel que exercem e, assim, as atitudes apresentadas são contraditórias. Acreditamos que este fato seja permeado pela própria condição em que o trabalho se estabelece, pois o estigma de tratar com lixo, aquilo que não se quer é o primeiro impedimento de

reconhecimento do valor do trabalho, seguido da própria condição onde ele se processa – o lixão.

Embora o catador do território de jardim gramacho se identifique como herói por sobreviver das sobras, ao mesmo tempo se confunde com os restos por não ser valorizado e não ser reconhecido como um trabalhador.

Em relação às iniciativas adotadas pelos catadores que lideram o movimento de organização no território de jardim gramacho, apesar de ter ficado nítido em suas falas o interesse em envolver o maior número de trabalhadores no processo, ficou evidente por meio pesquisa, que um grupo significativo, além de não participar das reuniões/encontros, não conhecem seus representantes; e quando os reconhecem, não sabem precisar o que eles realizam em prol da categoria, conforme ilustrado nos gráficos 20, 21 e 22, anexo 7.4, p. 182- 183.

Neste sentido afirmamos que os catadores do território de jardim gramacho precisarão vencer muitos desafios, e será preciso investir no processo de capacitação permanente tanto das lideranças como dos catadores na perspectiva de levar este contingente ao nível de consciência sócio-ambiental.

Quanto à articulação deles com as experiências em andamento, percebemos também que o grande quantitativo de catadores permanece no garimpo de lixo e não se aproxima do processo de organização, tendo em vista que a informalidade no trato com a atividade de catar lixo permite que aqueles catadores soltos na frente de serviço realizem suas tarefas de acordo com seus interesses pessoais, não envolvendo práticas coletivas, tanto no empenho da busca de material, como no seu processo de remuneração.

Neste sentido, tanto o formato cooperativista como o da Associação, são práticas que os catadores em sua maioria não optam, por acreditarem que o trabalho individual ofereça melhor rentabilidade, embora saibamos que seja perverso sem assegurar-lhes o “pão do dia seguinte”.

Ficou claro que a organização dos catadores do território de jardim gramacho ainda envolve uma minoria de trabalhadores e acreditamos que seja em decorrência deste pequeno grupo ter incorporado às vivências através de práticas coletivas que se processam há décadas na cooperativa e por cerca de três anos na ACAMJG, e pelo fato do quantitativo maior ter permanecido no garimpo do lixo sem experimentar uma vivência onde a prática coletiva tenha permitido mostrar-lhe a oportunidade de ganhos

diretos e indiretos, tais como Previdência Social, seguro de vida, entre outros que, embora não sejam materializados como o dinheiro, trazem outros benefícios.

Pudemos perceber que os catadores somente acreditam na sua competência individual para prover seu sustento, não se identificando com práticas coletivas que possam levá-los ao processo organizativo e o reconhecimento do seu valor na cadeia produtiva industrial.

Diante das questões apontadas, acreditamos que a identidade profissional ainda não foi construída pelos catadores do território de jardim gramacho, pois este processo está permeado por sombras do descaso social e por mais que o grupo de representantes tenha consciência do seu papel sócio-ambiental e assuma seu sentido de pertença ao grupo, ainda não é algo que comprometa o universo de catadores, pois segundo Dubar, a construção da identidade profissional precisa estar ancorada no que conceituou de biografia de uma identidade profissional. As pessoas necessitam ter relações de trabalho com participações em atividades coletivas voltadas para o processo de organização, para então construir o sentido de trabalho coletivo.

No caso dos catadores do território de jardim gramacho este procedimento ainda é algo que não se processou, tendo em vista que embora o garimpo de lixo ocorra em um espaço onde todos estão na mesma localidade, a prática de catação é individual, assim como o processo de remuneração, diferentemente daquele segmento que representa menos de 10% do universo, que está na COOPERGRAMACHO e recebe a remuneração através do rateio produto do esforço coletivo, e, mesmo assim, o processo de construção identitária deste coletivo ainda está em processo.

Inúmeros são os elementos impeditivos para a construção identitária dos catadores, mas acreditamos que a própria natureza do trabalho de catação e a forma como ele é estruturado constituem o ponto principal de estrangulamento da ação, uma vez que Dubar enfoca que identidade é produto de sucessivas socializações. Na catação, a tarefa se processa de forma solitária, onde o empenho com a atividade decide o valor de sua remuneração, além do processo de exploração da mão-de-obra, que leva por vezes à extensão do trabalho para além de doze horas em busca da conquista do aumento dos ganhos.

Acreditamos que o antídoto para o veneno existente que promove a prática solitária de catar lixo seja a abertura de canais de acesso dos catadores à informação por meio da capacitação, que permitirá a aquisição de conhecimentos acerca do cenário brasileiro no tocante à destinação de resíduos sólidos e às novas legislações que

privilegiam catadores organizados em cooperativas e associações. Com certeza, ocorrerá a construção de caminhos, levando-os à identificação dentro e fora do território, pois irão expandir seus conhecimentos para além da catação.

O que foi construído até o momento foi a grande possibilidade de um grupo de pessoas que se encontrava, ao longo dos anos, estigmatizado e furtado da condição de trabalhadores, com potencial para se inserir na cadeia produtiva industrial – mas que pelo estigma que carregam foram sempre comparadas a ele –, vislumbrar que agora têm acenado o caminho da organização e do fortalecimento da categoria “**Catador de Materiais Recicláveis**”.

Para tanto, os trabalhadores necessitam da união de forças públicas e privadas que mobilizem não somente recursos financeiros, mas esforços de toda a natureza, tais como: técnicos, administrativos e até solidários, entre outros, a fim de arregimentarem forças para alavancar todos os catadores potencialmente capazes, isto é, adultos de ambos os sexos em idade laborativa, na perspectiva de tirá-lo do estado de descrença e desânimo e levá-los à condição de trabalhadores organizados, conscientes do papel sócio-ambiental que desempenham, para serem reconhecidos como profissionais da área ambiental.

Este estudo não esgota as reais possibilidades de análise do potencial dos catadores do Aterro Metropolitano de Gramacho, mas acreditamos que oferece subsídios para aqueles que desejarem partir deste ponto para aprofundar novas questões sociais advindas daquela realidade perversa, promovida pelo comércio do lixo que por meio de suas potencialidades, garante a sobrevivência humana de um contingente desprezado pelo mercado formal de trabalho, embora seja eminentemente importante o seu papel. Além de gerar volumes significativos de materiais potencialmente recicláveis, favorecendo a indústria, a natureza também agradece em vista de minimizar os impactos ambientais. Portanto, este profissional deveria ser privilegiado e ter garantido o seu espaço no mundo do trabalho de forma digna e reconhecida oficialmente.